

Pedro de Almeida Vasconcelos

Professor Titular de Geografia, Professor Participante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Território, Ambiente e Sociedade da Universidade do Salvador, Pesquisador CNPq pavascon@uol.com.br

Dupla herança imperial: a Comunidade dos Estados Independentes¹

Resumo

O texto foi publicado em 1992, há exatamente 30 anos, após o impacto do fim da União Soviética no ano anterior. Ele tinha o objetivo de informar aos estudantes da Geografia, de um lado, o processo de formação territorial do Império Russo e sua continuidade através da União Soviética, seguido pela descrição dos novos países que formaram a Comunidade dos Estados Independentes, com destaque também para as subdivisões internas: repúblicas e regiões autônomas. A sua republicação agora ganha um sentido especial com os desdobramentos da atual guerra na Ucrânia.

Palavras-chave: Rússia, União Soviética, Comunidade dos Estados Independentes.

Abstract

DOUBLE IMPERIAL HERITAGE: THE COMMUNITY OF INDEPENDENT STATES

The text was published in 1992, exactly 30 years ago, after the impact of the end of the Soviet Union the previous year. It aimed to inform Geography students, on the one hand, the process of territorial formation of the Russian Empire and its continuity through the Soviet Union, followed by the description of the new countries that formed the Commonwealth of Independent States, also highlighting the internal subdivisions: republics and autonomous regions. Its republication now takes on a special meaning with the unfolding of the current war in Ukraine.

Key-words: Russia, Soviet Union, Commonwealth of Independent States.

Quando pensamos na expansão colonial europeia, sobretudo neste ano de comemoração dos 500 anos da “descoberta” da América, a primeira ideia que surge é a da expansão capitalista comercial, iniciada por Portugal e Espanha, seguida pelos Países Baixos e pela Inglaterra, assim como a da segunda expansão colonial imperialista, no final do século XIX, gerada pelas necessidades do desenvolvimento industrial, o que resultou numa nova divisão do mundo, em que a partilha da África é a mais representativa desse novo reordenamento mundial.

Tendemos a esquecer, porém, das antigas formas da expansão imperial, a partir da expansão territorial contínua, que existiram desde a remota antiguidade, como a do Império de Alexandre em oposição aos persas; a do Império Romano, em conflito com cartagineses, e do Império Bizantino em luta contra árabes e turcos. Esses impérios, tendo em vista as enormes extensões alcançadas e a sua conseqüente heterogeneidade interna, foram pouco a pouco desagregados: os últimos a serem desmembrados foram os impérios Austro-Húngaro e o Otomano, após a Primeira Guerra Mundial.

O Império Russo, cobrindo um espaço gigantesco em dois continentes, sobreviveu, entretanto, inclusive após o desaparecimento das últimas colônias ultramarinas de alguma importância, ocorrido no período de descolonização e de independência política, deflagradas após o final da Segunda Guerra Mundial.

Como se deu esse processo e por que essas sobrevivências?

A expansão da grande nação russa se deu no seguinte contexto histórico: Ivã III, o Grande (1462-1584) teve um papel fundamental como unificador do Estado russo em Moscou, cobrindo o vácuo deixado com a destruição do Estado de Kiev (“Kievan Rus”) no século XIII, pelos mongóis. Ivã III casou-se com a herdeira dos imperadores bizantinos, uma década após a tomada de Bizâncio pelos turcos. Em 1480, liberou a Rússia da tutela tártara e em 1492 assumiu o título de “Tzar” (César), considerando-se herdeiro do Império Romano, e Moscou a “terceira Roma”. Junta-se também a herança da Igreja Ortodoxa Russa, ramo da Igreja Ortodoxa Grega sediada em Bizâncio, atual Istambul.

As precondições da expansão do Estado russo estavam criadas. Coincidentemente, como lembra Braudel, no mesmo período da expansão colonial ibérica: 1492, tomada de Granada dos mouros e “descoberta” da América.

Ivã IV, o Terrível (1533-1584), fazendo jus a seu sobrenome, e contando com novas armas (canhões), entre 1552 e 1556 conquista dos tártaros os Canatos de Kazan e Astracã, ampliando o território russo em direção ao sudeste, e passando a ter acesso ao mar Cáspio e às rotas do comércio com o Oriente, ao tempo que controlava o acesso ao rio Volga.

Consolidada a área russa europeia, as possibilidades da expansão mais fáceis eram para o leste, pois a noroeste e oeste encontravam-se sólidos estados estabelecidos: a Suécia, a Lituânia e a Polônia; no sul dominavam o poderoso Império Otomano e o Estado persa; e a sudeste encontrava-se o Império chinês. Portanto, a grande planície da Sibéria, sem contar com estados organizados, oferecia-se assim como um verdadeiro "*far-east*" para os russos, pronta para ser invadida.

A conquista da Sibéria foi uma epopeia gigantesca, tendo em vista os meios da época, as condições naturais e, sobretudo, as distâncias percorridas. A forma encontrada pelo Estado russo foi delegar esses territórios à família Stroganov, de comerciantes – numa forma semelhante às nossas capitânicas hereditárias –, que contratou grupos de cossacos, para a realização da enorme tarefa. A conquista se deu através da implantação de pequenos fortes, mas, ao contrário da expansão americana, não eliminou a dispersa população local, que apenas passou a pagar tributos em peles aos novos invasores. A velocidade da conquista foi muito grande: iniciada em 1581 (contraditoriamente, ano em que os servos russos não poderiam mais se deslocar), em 1619 os cossacos já atingiam o rio Ienissei. Em 1632 fundam um forte em Yakutsk no rio Lena. Em 1639, chegam ao Pacífico e, em 1649, fundam Anadir, no mar de Bering. Em 1699, a península de Kamtchatka, no extremo Oriente, é anexada. Encontrando outro estado organizado, os russos assinam tratados com os chineses sobre as fronteiras na região do rio Amur em 1689 e 1727, mas, já no primeiro tratado, os chineses cedem a região da Buriátia no norte da Mongólia. O avanço nesta direção se concluirá com a anexação de Alasca, já no continente americano, em 1791.

Enquanto alguns cossacos conquistavam para a Rússia a gigantesca Sibéria, no lado ocidental, os cossacos que viviam em semiliberdade no sul da Polônia pedem, em 1652, proteção ao soberano russo, contra as tentativas de controle do Estado polaco. Em 1654 o governo russo declara guerra à Polónia, e pelo tratado de 1667 recebe a Ucrânia oriental, até o rio Dnieper.

Pedro, o Grande (1689-1725) teve um papel importante para a modernização da Rússia; tendo viajado pela Europa Ocidental, tinha consciência do atraso russo. Nesse sentido, ele tentou abrir uma “janela” para o Ocidente, fundando a cidade de São Petersburgo em 1703, e transfere a capital para essa cidade nova, que permitia o acesso ao mar Báltico, ou seja, uma opção de se voltar para o Ocidente. O resultado de suas ações foi tornar a Rússia uma potência europeia. Outra consequência dessa expansão em direção ao noroeste foi a guerra contra a Suécia e a conquista da Estônia e da Livônia, e de parte da Finlândia, em 1721. Apesar dessa opção, ao mesmo tempo, as primeiras tentativas de expansão em direção à Ásia Central são realizadas: entre 1717 e 1839 várias expedições são enviadas contra o Canato Usbeque de Khiva, no atual Turcomenistão; entre 1716 e 1735 é construída uma série de fortes ao norte do Cazaquistão e, entre 1731 e 1742, as três Ordas que controlavam esse território pedem a proteção russa, temendo os ataques dos mongóis oirats, que viviam a leste. Ainda no reinado de Pedro, o Grande, foram também iniciadas incursões em direção ao sul: em 1735, Baku é ocupada, mas é retomada pelos persas. Em 1739, o porto de Azov é conquistado aos turcos, permitindo o acesso ao mar Negro. Em 1774, a Moldávia pede proteção russa ao tempo que continua suserana à Turquia. Em 1783, a Criméia é tomada dos turcos e, no mesmo ano, a Geórgia pede proteção russa, temendo a expansão islâmica, tornando-se suserana. Consequência: em 1785, o norte do Cáucaso torna-se província russa e, em 1801, o reino da Geórgia é anexado. Essas conquistas não ocorrem sem resistências: as tribos montanhesas do Cáucaso se rebelam entre 1804 e 1810.

Os eventos na Polônia vão permitir nova expansão, mais uma vez em direção ao noroeste e ao oeste. Com a primeira partilha da Polônia, em 1772, a Rússia recebe a parte oriental da Bielorrússia. Em 1793, com a segunda partilha, recebe a Ucrânia ocidental e a parte central da Bielorrússia, e, em 1795, na terceira partilha, além da parte ocidental da Bielorrússia, a Rússia recebe também a Letônia e a Lituânia. Em 1808, a Rússia invade a Finlândia, que é cedida pela Suécia no ano seguinte.

Em 1812, ocorre a invasão napoleônica, o que não impede a continuação do processo de expansão russa: no sul, a Moldávia é tomada, e, no ano seguinte, a Pérsia é forçada a ceder o norte do Azerbaijão, incluindo Baku e o Daguestão. Em 1828, a Pérsia cede Nakhichevão, também no

Azerbaijão, e a província de Yerevan, na Armênia. Em 1829, a Turquia cede territórios na Armênia aos russos.

Na Ásia central, a “proteção” russa não parece ser bem-vista: rebeliões contra os russos ocorrem no Cazaquistão entre 1792 e 1797. A Rússia suprime então o Orda Média (1822) e a Pequena Orda (1824) e, em seguida a outro movimento de resistência, entre 1837 e 1847, a Grande Orda é suprimida (1848). Em 1854, sob o reinado de Alexandre II, a fortaleza imperial de Vemy é construída no sítio da futura Alma-Atá, no Cazaquistão. Em 1855, nova ofensiva russa na Ásia central: o forte Al-Mechet, no Canato de Cocande (Uzbequistão), é conquistado; em 1862, tomada do forte Pishpek, no atual Quirguistão; em 1864, ataque ao Canato de Cocande. A cidade murada de Tachkent é tomada em 1866. O Canato uzbeque de Bucara torna-se suserano em 1868. Em 1869, expedição militar funda o porto de Krasnovodsk no Cáspio, no atual Turcomenistão. Em 1873, o Canato uzbeque de Khiva é invadido (atual Turcomenistão), tornando-se suserano. Novas reações ocorrem: em 1875, a rebelião de Cocande é reprimida e o Canato é anexado no ano seguinte. Em 1881, revolta no Turcomenistão é vencida com a batalha de Geok-Tepe. Em 1893, o Pamir é completamente ocupado, assim como o sul do Turcomenistão. A expansão nessa direção só será contida com os acordos anglo-russos de 1895, que estabelecem a fronteira russo-afegã, e os de 1907, que dividem a Pérsia em áreas de influência das duas potências (o Norte para os russos) e o Afeganistão, totalmente sob influência britânica.

No extremo oriente, a China cede territórios no rio Amur, em 1855, assim como províncias costeiras em 1860, o que permite aos russos construir o porto de Vladivostok, e sua base militar, no mesmo ano. Os russos começam a chegar na Sacalina em 1853. Em 1855, um acordo divide o controle da ilha com o Japão. Em 1875, a Sacalina é trocada pelas ilhas Curilas, que ficam com o Japão. Em 1867, o Alasca é vendido aos Estados Unidos, o primeiro recuo da expansão russa. A derrota militar junto ao Japão, na guerra de 1904/1905, obriga a Rússia a ceder o sul da Sacalina.

A Guerra da Criméia (1853-1856) não modifica o quadro territorial, mas as potências ocidentais procuram conter o poderio russo. No Cáucaso, uma grande rebelião é dominada em 1864, mas 400 mil circassianos preferem abandonar a Geórgia em direção ao Império Otomano, que fica sob o domínio russo. Em 1878, a Turquia, sendo derrotada, libera o sul da Geórgia.

Com a construção da ferrovia Transiberiana (1891/1904), a colonização da Sibéria se dará de forma mais sistemática: não há mais servidão (abolida em 1861), e as terras não serão divididas em grandes propriedades. Mas essa expansão, agora sob a forma de colonização de povoamento, encontra resistências, sobretudo na Ásia Central: em 1916, há uma grande rebelião no Cazaquistão contra a expropriação de terras e o alistamento militar. Trezentos mil cazaques refugiam-se na China. O mesmo ocorre no Quirguistão, com uma rebelião contra a ocupação das melhores terras pelos russos, resultando em quase um terço da população procurando refúgio na China. O Turcomenistão, que teve seu Canato extinto em 1912, rebela-se também em 1916, ocorrendo o massacre de colonos russos.

A revolução soviética de 1917 herdará, assim, um gigantesco império, que vai da Finlândia ao Mar Negro, da Ucrânia ao extremo oriente, império ainda não consolidado, reunindo povos indo-europeus (eslavos, bálticos, romenos, armênios, iranianos), caucasianos, turco-tártaros, mongóis, além de outras minorias; que seguiam religiões diversas (dos luteranos estonianos, aos ortodoxos eslavos e muçulmanos da Ásia Central); parte sob impacto do desenvolvimento industrial, no ocidente, uma grande maioria camponesa, além de povos pastores nômades. Portanto, uma grande heterogeneidade, mas nenhuma descontinuidade territorial.

Tendo a revolução ocorrido em plena guerra de 1914/1918, com o cessar fogo com a Alemanha (1918) e com o início da Guerra Civil (1918/1921), começa o processo de desagregação do império: proclamação das independências da Finlândia e da Estônia em 1917; da Letônia, da Lituânia, da Ucrânia, da Geórgia, da Armênia e do Azerbaijão em 1918. Governos nacionalistas controlam o Cazaquistão em 1917 e o Turcomenistão em 1918, e governo muçulmano é instalado no Uzbequistão em 1917. A Moldávia une-se a Romênia em 1918. O Japão ocupa a Sacalina e parte do Extremo Oriente entre 1918 e 1924.

Na Ásia Central, em 1918, os russos derrubam o governo muçulmano no Uzbequistão, mas começa a grande revolta Basmachi. Em 1920, o exército russo recupera o Cazaquistão, todo o Uzbequistão e o Turcomenistão. Em 1921, ocupa Dushanbe, no atual Tadjiquistão. No Oeste, em 1919, a Ucrânia é retomada pelas tropas soviéticas, e a Bielorrússia é disputada entre os russos e as tropas polonesas e brancas. Os países bálticos,

entretanto, conseguem se liberar da tutela russa. Em 1921, a Bielorrússia é dividida com a Polônia, e a Ucrânia é mais uma vez retomada da Polônia e das tropas brancas, que a tinham ocupado no ano anterior. No Cáucaso, o Azerbaijão é recuperado em 1920, e a Armênia estabelece um governo revolucionário. Em 1921, o exército russo é vitorioso na Geórgia.

Com a criação da União Soviética, em 1922, os soviéticos contabilizavam a perda da Finlândia, dos estados bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia), da metade da Bielorrússia e da Moldávia, mas conseguem recuperar a rica Ucrânia, o Cáucaso e a gigantesca Ásia Central, lutando contra tropas brancas e estrangeiras invasoras.

Após a guerra civil, na Ásia Central a rebelião Basmachi continua, agora no atual Tadjiquistão, só sendo vencida em 1931. A República do Turquestão, criada em 1918, é extinta em 1924, sendo criadas as Repúblicas Soviéticas do Turcomenistão e do Uzbequistão no mesmo ano, seguida pela criação da República do Tadjiquistão em 1929, do Cazaquistão em 1936, assim como a do Quirguistão, dando conformidade atual à Ásia Central. O mesmo reordenamento ocorre no Cáucaso: a República da Transcaucásia, criada em 1922, é extinta em 1936, desmembrando-se novamente em Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

Com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, e com a assinatura do acordo secreto germano-soviético de 1939, os soviéticos retomam a Bielorrússia Ocidental da Polônia, os Países Bálticos são invadidos, a Moldávia é retomada da Romênia, voltando, portanto, às fronteiras do período czarista, salvo a Finlândia, que resistiu à invasão e assina acordo de paz em 1940. Entre 1941 e 1944 há uma nova guerra russo-finlandesa, que é concluída com a independência da Finlândia e com um pagamento, por parte desse país, de pesada indenização à URSS.

Entre 1939 e 1941 são deportados bálticos, ucranianos, bielorrussos e bessarábios para a Sibéria e a Ásia Central.

Com a invasão alemã de 1941, a Romênia recupera a Moldávia, que só será retomada pelos soviéticos em 1944. Os alemães do Volga são deportados para a Quirguízia e a sua república autônoma é extinta. Entre 1943 e 1944 são deportados para a Ásia Central os tártaros da Criméia (280.000), os carachais, os chechenos-inguchétios, os balcários, os calmucos, os armênios, os muçumanos da Geórgia, assim como gregos, curdos e turcos,

povos, sobretudo, do Cáucaso. Em 1944, a Tuva, no norte da Mongólia, é anexada, tendo sido parte da China até 1911, e protetorado em 1914.

Com a vitória soviética na Segunda Guerra Mundial, novo reordenamento é realizado: a população polonesa é repatriada da Bielorrússia, enquanto a Polônia recebe territórios alemães. A URSS anexa parte da Prússia Oriental, que pertencia à Alemanha, e anexa também a Sacalina e as Curilas, repatriando a população japonesa. A Ucrânia receberá territórios da Polônia, da Checoslováquia e da Romênia. Entre 1948 e 1949 bálticos e moldavos ainda serão deportados para Ásia Central e Sibéria.

A União Soviética tinha assim recuperado suas fronteiras durante o período 1944/1945, com exceção da Finlândia e, a partir de 1945/1949, amplia sua área de influência na Europa Oriental, com o estabelecimento das “Democracias Populares”.

As aberturas políticas e o fracasso econômico do período Gorbachev levaram ao agravamento da questão das nacionalidades e das minorias étnicas, que vieram acelerar a desagregação da União Soviética, iniciada com as proclamações das independências dos Estados Bálticos em 1990, e seu reconhecimento pela URSS em 1991, e com a extinção da União em dezembro do mesmo ano, através da criação da ainda instável Comunidade de Estados Independentes - C.E.I.

Podemos concluir que a questão colonial pode ser colocada no caso da expansão russa e na consolidação dessa expansão pelos soviéticos. Enquanto, no caso da Rússia europeia, a incorporação de outras nações eslavas poderia ainda ser considerada como resultado da consolidação do estado russo, nos casos da Sibéria, do Cáucaso e da Ásia Central, a expansão foi, de fato, colonial, e, quando encontrou resistência, ela foi dobrada pelo uso da força, e povos não ocidentais, com cultura, tradições, crenças, organização social e econômica diferentes foram transformados através da incorporação ao Estado russo.

A ocupação das melhores terras agrícolas por colonos, a exploração mineral e agrícola e a primeira divisão de trabalho foram reforçadas pelos soviéticos, agora sob a égide do planejamento centralizado, o que resultou na consolidação de economias baseadas na monocultura, outras em exportadoras de matérias-primas, além das radicais transformações sociais: povos nômades transformados em agricultores sedentarizados, coletivização da

agricultura, sem mencionar a deportação de povos e a utilização de territórios longínquos como locais de prisão de oponentes ao regime.

Os benefícios aportados pela modernização, como a industrialização rápida, a irrigação, as conquistas educacionais, como a alfabetização em massa de povos iletrados, alguns sem escrita, a melhoria das condições de saúde, a independência feminina etc., perdem muito do seu impacto pela forma impositiva em que se deram essas transformações.

Esse rápido resumo histórico pode nos ajudar a entender a heterogeneidade atual dos Estados da C.E.I. e a gravidade das questões nacionais e étnicas, que resultaram no irrompimento de uma série de independências políticas, agora com o frágil vínculo da nova Comunidade, que continua sob conflitos étnicos e a ameaça de independências de subgrupos e minorias nacionais.

A seguir, é apresentado um rápido perfil de cada uma das repúblicas da C.E.I., a partir das informações coletadas nas várias fontes disponíveis.

A Rússia

Embora a República Russa seja o centro da expansão histórica dos povos russos, no seu território europeu de 4.300.000 km² e povoado por 107,7 milhões de habitantes, e apesar da maioria absoluta de russos (82%), sobrevivem minorias localizadas em territórios de dimensões variadas, que foram agrupados em dois tipos de divisão administrativa:

I) As repúblicas autônomas

- 1) da Carélia: com 172.400 km², vizinha da Finlândia, com 759 mil habitantes, sendo 70% russos. Os carélios (11%) falam língua do grupo finês. A capital é Petrozavodsk e o porto de Murmansk também se situa nessa república, assim como no canal Mar Branco-Báltico, de 227 km.
- 2) dos Comis (ou Komi): a mais extensa, com 415.900 km², situada no nordeste da Rússia europeia, tem 1.180.000 habitantes, sendo em sua maioria russos. Os comis são de língua do grupo finês. Capital: Siktivkar.
- 3) de Mordóvia: com 26.200 km², fica na região do Volga, com 973 mil habitantes, sendo 60% russos. Os mordóvios são 35% e falam língua do grupo finês. Capital: Saransk.

- 4) dos Máris (ou Mári): com 23.200 km², também no Volga, tem 719 mil habitantes, a maioria russa e mári. Os máris falam língua do grupo finês. A capital é Yoshkar-Olá.
- 5) da Udmurtia: com 42.100 km², no Volga, com 1.587.000 habitantes, em maioria russos e udmurtios. Os udmurtios são também do grupo linguístico finês. Capital Ijevsk.
- 6) da Chuváquia: com 18.300 km², no Volga, com 1.312.000 habitantes. Os chuváquios são 70% dos habitantes e falam língua turca, porém são cristãos ortodoxos. Capital: Cheboksáry.
- 7) da Tartária (ou Tartarstão): com 68.000 km², tem 3.745.000 habitantes, sendo 50% tártaros, povo de língua turca, muçulmanos sunitas. É situada no Volga e a capital é a importante cidade de Kazan. Pretendem maior autonomia.
- 8) da Basquíria: 143.600 km², no Volga, com 3.850.000 habitantes, principalmente russos, tártaros e basquírios. Os basquírios são povos de língua turca. Capital: Ufá.
- 9) dos Calmucos: com 75.900 km², a noroeste do mar Cáspio, com 310 mil habitantes. Os calmucos eram 147.000 no total da ex-URSS. Povo de língua mongol e de religião budista. Capital: Elista.
- 10) de Cabárdia-Balcária: com 12.500 km², no Cáucaso, com 715.000 habitantes. Os cabardinos são de língua caucásica e muçulmanos em sua maioria. Os balcários viviam nas altas montanhas. Capital: Nalchik.
- 11) da Ossétia do Norte: com 8.000 km², no Cáucaso, com 608.000 habitantes, na maioria ossétios e russos. Os ossétios falam língua iraniana e estão separados dos que habitam na Ossétia do Sul, na Geórgia. Capital: Ordjonikdze.
- 12) de Tchecheno-Inguchétia: com 19.300 km², no Cáucaso, com 1.193.000 habitantes, os chechenos e os inguchétios são 60% da população e os russos 35%. Falam línguas do grupo caucásico e são muçulmanos. A capital é Grozni. Declarou independência.
- 13) de Daguestão: com 50.300 km², está situada no leste do Cáucaso, junto ao mar Cáspio. Com 1.737.000 habitantes, agrupa 30 grupos étnicos, com línguas caucasianas, turcas e iranianas. Capital: Makhachkala.

II) As regiões autônomas

- 1) dos Adigueus: com 7.600 km², ao norte do Cáucaso, com 413.000 habitantes, dos quais 20% adigueus, de língua caucasiana e de religião muçulmana. Capital: Maikop.
- 2) dos Carachais: com 14.100 km², também no Cáucaso, com 380.000 habitantes, na maioria russos e apenas um terço de carachais, que são de língua turca. Capital Cherkessk.

Apesar da maioria russa em várias dessas repúblicas e regiões autônomas, os povos não-russos e o território ocupado são significativos, o que corresponde a uma herança do passado que não desapareceu, nem com as tentativas de “russificação”, nem durante o período soviético.

A Sibéria (e o Extremo Oriente)

Pertencendo à atual República Russa, a gigantesca Sibéria (juntamente com o Extremo Oriente) é o resultado de uma expansão de colonização europeia, como a América do Norte. Tem 12,8 milhões de quilômetros quadrados, correspondendo a 75% da República Russa, maior do que qualquer estado independente do mundo, tem apenas cerca de 40 milhões de habitantes, o que resulta numa densidade de 3 hab./km². A maioria da população é russa, e no Extremo Oriente ela é multinacional. Há carência de mão de obra, e os salários eram mais elevados. A população urbana é de 67%, e no Extremo Oriente alcança 75%.

A Sibéria é composta por diversas faixas ecológicas de norte ao sul: desertos árticos, com neve e geleiras permanentes; tundras, com musgos, líquens e arbustos e com o subsolo gelado; a zona de florestas, destacando-se a gigantesca taiga, de coníferas, que corresponde a 1/4 das florestas do Globo; e as estepes, no sudoeste.

A Sibéria é muito rica em recursos naturais: abriga cerca de 90% das reservas de carvão; de 70 a 90% dos minerais não ferrosos; 67% das áreas florestais; 88% dos recursos energéticos, incluindo o grosso das reservas de petróleo e 3/4 do gás natural da Ex-URSS.

Devido a sua dimensão, é dividida em três partes:

- 1) A Sibéria Ocidental: com 2,4 milhões de quilômetros quadrados e 13 milhões de habitantes em 1975, conta com importantes cidades, como Novosibirsk, com 1,4 milhões de habitantes, fundada em 1903, entre a ferrovia transiberiana e o rio Ob, e tem como cidade satélite Akademgorodok, que registra uma das maiores concentrações de cientistas da Ex-URSS. Outra importante cidade é Omsk, com 1,1 milhão de habitantes, fundada no rio Irtych em 1782. Região de planície, com grande concentração de florestas, é a principal reserva petrolífera da Rússia, junto com a região do Volga-Urais. Produz 60% da turfa da Ex-URSS e está localizado nessa região o gigantesco combinado do Ural-Kuznetsk, que produz carvão, ferro e aço.
- 2) A Sibéria Oriental: com 4 milhões de quilômetros quadrados, grande como a Europa Ocidental, tinha 7,8 milhões de habitantes em 1975. A maior cidade é Krasnoiarsk, fundada em 1628 às margens do rio Lenissei, com 900 mil habitantes. Com condições climáticas severas, relevo montanhoso e solo permanentemente gelado, é de difícil acesso. Possui 1/3 dos recursos energéticos da Ex-URSS e algumas das mais potentes centrais hidrelétricas do mundo, como a de Krasnoiarsk, no rio Lenissei, e a de Bratsk, no rio Angará. Cerca de 45% das reservas de carvão da Ex-URSS estão contidas no seu território, e tem a maior reserva de madeiras da Ex-URSS. A gigantesca ferrovia B.A.M., ligando o rio Amur ao lago Baikal e ao rio Lena, com 3.200 km, foi concluída em 1980. O lago Baikal possui 20% das reservas mundiais de água doce. Mas a agricultura é difícil: apenas 20 milhões de hectares são cultivados nesse gigantesco território.
- 3) O Extremo Oriente: a maior das três regiões, com 6,2 milhões de quilômetros quadrados, tinha apenas 7,5 milhões de habitantes em 1985. Equivalente a uma densidade de 1 hab./km². A principal cidade é Vladivostok, fundada em 1860, maior porto russo no Pacífico, e terminal da Transiberiana, com 900 mil habitantes. Ainda pouco explorada, a região possui relevo montanhoso e florestas em abundância. Produz ouro e diamantes e 1/3 da pesca da

Ex-URSS, sendo ainda fornecedor da tradicional produção de peles raras. Está voltada ao transporte marítimo com o Pacífico, e tende a aumentar os vínculos econômicos com o Japão, que já ocupou a área no período da Guerra Civil (1918-1921).

Além dessas regiões, a Sibéria conta também com três Repúblicas Autônomas:

- 1) das Tuvas: com 170.500 km², ao norte da Mongólia, com 289.000 habitantes, dos quais 3/5 são tuvas, seguidos pelos russos. Os tuvas falam uma língua turca, com influências mongóis. Outros tuvas estão na Mongólia. A capital é Kyzil.
- 2) da Buriátia: com 351.300 km², situada ao sul e a leste do lago Baikal, no norte da Mongólia. Tem 970.000 habitantes, os russos são a maioria e os buriates 23%. Os buriates falam uma língua mongol. A capital é Ulan-Udé.
- 3) de Lacútia: com 3.103.200 km², no norte da Sibéria, na bacia do rio Lena, é maior do que qualquer república independente da C.E.I., após a Rússia. Tem apenas 944.000 habitantes, dos quais os russos são 50%. Os iacutes são 37% da população; falam uma língua turca, mas são um povo mongol. Capital: Yakutsk.

A Sibéria conta também com três Regiões Autônomas:

- 1) do Alto Altai (ou Gorni-Altai): com 92.600 km², ao norte da Mongólia, com 177.000 habitantes, sendo 2/3 russos. Os altaís são um povo mongol (oyrat). Capital: Gorno- Altaisk.
- 2) da Khakássia: com 61.000 km², na região ao norte da Mongólia, ao nordeste do Alto-Altai, tem 523.000 habitantes, sendo os russos 80%. Os khakas ou hakas (12%) são um povo de língua turca. Capital: Abakan.
- 3) do Birobidjão (ou Yevreskaya): com 36.000 km², na região do rio Amur, no Extremo Oriente, com 200.000 habitantes. Foi planejada para os judeus soviéticos, mas, sendo apenas 5%, os russos e ucranianos os superam em muito. Capital: Birobidjão.

A Ucrânia

Após a República Russa, a Ucrânia, com 600.000 km², é a maior república europeia da C.E.I., e a segunda mais povoada, com quase 52 milhões de habitantes, o que a coloca como a mais extensa do que qualquer Estado da Europa Ocidental, e com uma população equivalente à da França.

Por outro lado, a república não é totalmente homogênea, tendo em vista que os ucranianos são 74% dos habitantes e os russos formam uma importante minoria de 21%. Os ucranianos são ainda divididos do ponto de vista religioso: a Igreja Uniata é majoritária na parte ocidental (“Católicos do Leste”), enquanto a Ortodoxa domina na parte oriental, o que tem a ver com as divisões históricas, devido ao domínio da católica Polônia, por maior tempo, no lado ocidental.

Kiev, sua capital, com 2,5 milhões de habitantes, foi fundada no século IX, na ligação Constantinopla/Escandinávia, e foi em grande parte destruída durante a Segunda Guerra Mundial. A usina nuclear de Chernobyl está situada a uns 130 km ao norte de Kiev.

A Ucrânia conta com um Produto Material Líquido de cerca de 240 bilhões de dólares, o que daria um rendimento *per capita* de 4.700 dólares em 1989, quase duas vezes o rendimento brasileiro médio, apesar das dificuldades de comparar economias diferentes, sem contar os preços subsidiados que dominavam a economia.

Com 18% da população, ela representava 20% da produção industrial e agrícola da Ex-URSS. Possui a primeira base metalúrgica (40% do aço) e de carvão da ex-URSS, assim como a maior jazida de manganês. Produz também navios, aviões, automóveis, locomotivas, máquinas agrícolas e televisores, ou seja, conta com uma indústria bastante diversificada.

Tem a tradição de celeiro de trigo da Ex-URSS, produzindo 1/4 dos grãos, e era a maior produtora de trigo de inverno, de milho (2/3 da produção) e de beterraba (60% da produção de açúcar), em suas planícies de terras negras.

Seu peso específico, sua posição geográfica, com acesso ao Mar Negro, conseqüentemente ao Mediterrâneo, permitem a previsão, juntamente com outros fatores, de uma real viabilidade como um estado nacional importante no leste europeu.

A Bielorrússia (ou Belarus)

A Bielorrússia tem alguns traços comuns com a outra república eslava da Ucrânia, sobretudo o fato de ter sido dividida no passado e ter pertencido a outros Estados (Polônia e Lituânia), o que resulta numa maioria da população de religião ortodoxa e uma minoria católica. Com 208.000 km², tem a dimensão do Reino Unido, mas uma população de apenas 10 milhões de habitantes, equivalente à de Portugal, sendo que 78% são bielorrussos, e 13% são russos. Sua Capital, Minsk, com 1,6 milhões de habitantes, fundada em 1067, foi arruinada durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.

A reduzida população da república é em parte consequência das perdas da Segunda Guerra, quando mais de 2 milhões foram mortos, e em parte devido às dificuldades do território, onde 1/3 é pantanoso, ao sul, com mais de 3.000 lagos, e 1/3 é coberto por florestas.

O Produto Material Líquido da Bielorrússia é de cerca de 61 bilhões de dólares, próximo do P.I.B. argentino, originário em 60% dos rendimentos da indústria. Esse P.M.L. resulta num rendimento médio de quase 6.000 dólares por habitante, o mais elevado das repúblicas da C.E.I., superior ao da Coréia do Sul, por exemplo.

A república era especializada na construção de máquinas e na indústria química: produzia tratores, caminhões basculantes e máquinas agrícolas, assim como televisores e computadores, o que mostra a variedade de produtos fabricados. Produzia também 40% dos fertilizantes potássicos da Ex-URSS.

Apesar de apenas 1/3 do território ser cultivado, devido às condições naturais, a Bielorrússia produzia 25% do linho, e 15% da batata da Ex-URSS.

Por outro lado, a gigantesca dívida externa de 50 bilhões de dólares pesa sobre o futuro dessa república interior, mas que possui bastante afinidades com as vizinhas Polônia e Lituânia, o que poderá levar a uma maior integração fora da Comunidade de Estados Independentes.

A Moldova (ex-Moldávia)

A pequena República Moldova, com 33.700 km², um pouco maior que a Bélgica, tem apenas 4,3 milhões de habitantes, o que dá a maior densidade das repúblicas da C.E.I. (128 hab./km²), sendo que 64% são

moldovos, e com as importantes minorias de ucranianos (14%) e russos (13%). É mais o resultado das disputas territoriais entre a Romênia e a Ex-URSS, tendo em vista que a população majoritária tem grande afinidade cultural, porém não econômica, com a vizinha Romênia: mesma língua, do grupo latino, e até bandeira semelhante. A Romênia foi o primeiro estado a reconhecer a independência da Moldova em 1991. Faz também fronteira com a Ucrânia e não tem saída para o Mar Negro, pois a Bessarábia ficou pertencendo à República da Ucrânia.

Seu relevo é em planície, e 60% do território é formado por campos cultivados, em terras férteis, que a transformaram numa “República Jardim”, devido à produção de pomares e flores, além da agricultura mecanizada para a produção de cereais.

O P.N.B. é de apenas 16,7 bilhões de dólares, equivalente, portanto, ao de Cuba, o que resulta num rendimento *per capita* de 3.850 dólares, metade do da vizinha Romênia. A Moldova é especializada na indústria alimentar: produz vinhos, conservas, fumo e açúcar. Mas produz também tratores, geladeiras e máquinas de lavar. Sua produção industrial aumentou 25 vezes entre o período de 1940 e 1970. A capital Chisinau teve seu nome latinizado, abandonando a denominação Kichiniov. Com 665.000 habitantes, foi fundada em 1466, tendo sido bastante danificada na Segunda Guerra Mundial.

O destino da Moldova poderá, portanto, ser o de união com a vizinha Romênia, apesar da oposição das minorias.

Na região do Cáucaso estão situadas três pequenas repúblicas: Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

A Geórgia

A Geórgia, antiga Cólquida, tem quase 70.000 km², e uma população de 5,4 milhões de habitantes. Desta população, os georgianos são 69% e os armênios 7%. Os georgianos são um dos povos mais antigos do mundo, resultado da fusão de vários povos locais. Têm língua caucasiana e não usam o alfabeto cirílico, como os russos. A Igreja Ortodoxa Georgiana é um ramo da Igreja Ortodoxa, e o cristianismo foi adotado na região desde o século IV. Sua capital é Tbilisi, com 1.260.000 habitantes, foi fundada em

458. Situada na cadeia de Cáucaso, tem 85% do seu território formado por montanhas e as florestas ocupam 39% da área da República.

O P.N.B. da Geórgia é de 24 bilhões de dólares, um pouco inferior ao da Hungria, que tem o dobro de habitantes. O rendimento *per capita*, de 4.410 dólares, é o quinto da C.E.I., três vezes superior ao da vizinha Turquia. A indústria alimentar é a mais importante, apoiada sobretudo nas culturas subtropicais, únicas na Ex-URSS, como o cultivo do chá (95% da produção da Ex-URSS), de cítricos e fumo. Mas produz também materiais pesados como locomotivas elétricas, automóveis, máquinas agrícolas e caminhões.

A Geórgia conta com três enclaves internos:

- 1) a República Autônoma da Abkházia, com 8.600 km², com fronteira com a Rússia e o Mar Negro, ao noroeste, com 513.000 habitantes, sendo os georgianos 44%, e os abkhazes 1/6 da população. Os abkhazes falam uma língua caucasiana, mas são muçulmanos. A capital é Sukhumi.
- 2) a República Autônoma da Adjária, com 3.000 km², faz fronteira com a Turquia e o Mar Negro. Com 375.000 habitantes, na maioria georgianos. Os adjários são georgianos islamizados. A capital é Batúmi.
- 3) a Região Autônoma da Ossétia do Sul, com 3.900 km², no interior do país, limitada ao norte com a Ossétia do Norte, na Rússia. Com 98 mil habitantes, 2/3 ossétios, que falam uma língua iranianiana. A capital é Tshinváli.

Apesar desses enclaves internos, parece ser a mais consolidada república do Cáucaso, contando com longa tradição histórica como estado nacional. A Geórgia, devido à instabilidade política interna, não se integrou, de início, à Comunidade de Estados Independentes.

A Armênia

É a menor das repúblicas da C.E.I., com apenas 29.800 km², com território inferior ao da Bélgica, e com a menor população da Comunidade: 3,3 milhões de habitantes. O povo armênio, que tem mais de três mil anos, foi massacrado pelos turcos: entre 600.000 e 1 milhão de armênios foram mortos em 1915, num exílio forçado de 1.750.000, transferidos da região fronteiriça do Cáucaso para a Síria e a Mesopotâmia. No território

da República, eles são 89% da população, a percentagem mais elevada da C.E.I., e contam com uma minoria de 6% de azeris. Outra concentração de armênios está em Nagorno-Karabach, no vizinho Azerbaijão.

A língua é indo-europeia, possuindo alfabeto próprio, e a Igreja é dividida em Armênia Apostólica (Ortodoxa) e Armênia Católica. O cristianismo foi implantado na Armênia desde o ano 300. A capital, Erevan, fundada em 783, tinha apenas 30.000 habitantes em 1914. Em 1989 a população era de 1,2 milhões de habitantes, e concentrava 50% da produção industrial da república.

Situada num alto planalto de 1.500 a 3.000 metros, a Armênia tem 90% do território montanhoso e não conta com acesso ao mar.

O P.N.B. de 15,5 bilhões de dólares é superior ao da Síria. O rendimento por habitante é de 4.710 dólares, é o mais alto das repúblicas do Cáucaso, e quase o dobro do rendimento médio brasileiro. A indústria conta hoje com 73% da economia, destacando-se a metalurgia do cobre, a indústria química e a construção mecânica. A viticultura é a principal produção agrícola. A fruticultura também é importante, em terras agrícolas irrigadas na planície do Ararat.

As questões étnicas e nacionais são, portanto, as mais importantes para a Armênia, sobretudo seus conflitos com os azeris, mais do que as questões econômicas, tendo sido a república que teve o mais rápido crescimento industrial da Ex-URSS (201 vezes durante o período soviético).

O Azerbaijão

A maior e mais povoada república do Cáucaso, com 86.600 km², e 7 milhões de habitantes, tem a maioria da população (78%) composta de azeris, povo muçulmano, étnica e linguisticamente próximo dos turcos. As minorias são formadas por russos e armênios, com 8% cada.

A capital é Baku, com 1.760.000 habitantes, maior cidade do Cáucaso e principal porto do Mar Cáspio. A 100 km de Baku foi construída uma cidade sobre pilotis, no Cáspio (Neftianye Kamni) para exploração petrolífera. A república é também montanhosa, mas conta com 40% de planície, onde produzem algodão (9% da produção da Ex-URSS), fumo e vinha. O caviar é uma produção tradicional do país.

O P.N.B. é o mais elevado do Cáucaso, de 27 bilhões de dólares, mas, como rendimento *per capita*, é o mais baixo das três repúblicas: de 3.750 dólares. A principal produção é a de petróleo de alta qualidade, e de gás, embora as reservas estejam em redução, necessitando extração em poços de grande profundidade (5.000 metros) assim como no Mar Cáspio. A indústria está vinculada ao petróleo: refinarias, indústrias química e mecânica.

Embora etnicamente próximo dos turcos, a principal fronteira do Azerbaijão é com o Irã, em cujo território há uma província com o mesmo nome, com uma população de 3 milhões de azeris. Ao contrário das repúblicas da Ásia Central, os azeris são muçulmanos xiitas, como os vizinhos do Irã.

Faz parte do Azerbaijão o enclave do Nakhitchevã, como República Autônoma, com 5.500 km², e 278.000 habitantes, com 85% de azeris, fazendo fronteira com a Turquia e o Irã, e fica separado do Azerbaijão pela Armênia. A capital tem o mesmo nome.

O outro enclave é mais problemático: a Região Autônoma de Nagorno-Karabach, com 4.400 km², e 168.000 habitantes, dos quais 80% são armênios. Sua capital é Stepanakert.

O maior problema desta república, portanto, é o enclave de Nagorno-Karabach, que se junta à separação física do enclave de Nakhitchevã, onde seus habitantes ficam separados da parte principal do Azerbaijão. Os vínculos com a Turquia deverão ser ampliados e reivindicações junto ao Irã não são improváveis, para permitir a união dos azeris.

As repúblicas da Ásia Central são cinco: Cazaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e Quirguistão.

O Cazaquistão

Pela sua dimensão, alguns autores não consideram esta gigantesca república como pertencente à Ásia Central, mas como uma entidade à parte, tendo em vista que considerável porção do seu território apresenta as mesmas características do sul da Sibéria Ocidental: a zona das estepes.

De fato, com uma superfície de 2.700.000 km², semelhante à da Argentina, o Cazaquistão é a segunda república da C.E.I. em dimensão,

com uma população de 16,5 milhões de habitantes, o que resulta numa baixa densidade de 6 habitantes por km². Dessa população apenas 42% são cazaques, sendo os russos 38% e o total de eslavos 44%. O crescimento demográfico rápido dos cazaques, em torno de 3% ao ano, permitiu, recentemente, ultrapassar os efetivos dos russos, que já foram mais numerosos nessa república. Os cazaques são um povo de língua turca, mas de tipo físico mongol, e são de religião muçulmana sunita. Eram pastores nômades e foram sedentarizados no período soviético. A grande proporção de russos na população é devido ao fato de o Cazaquistão ter sido também colônia de povoamento, com a imigração de 400 mil russos antes de 1900, e de mais de 1 milhão nas primeiras décadas do século atual.

Sua capital, Alma-Ata, fundada em 1854, a partir de um forte russo, cresceu com taxas de mais de 4% durante as décadas de 1950 a 1970, alcançando em 1989 a população de 1.130.000 habitantes. Está situada no extremo leste do país, perto da fronteira do Quirguistão, e já sofreu dois terremotos em 1887 e 1911. Em Baikonur, entre o Mar de Aral e Karangada, está situado o Cosmódromo da Ex-URSS.

Situado entre o Mar Cáspio e a fronteira chinesa, o Cazaquistão tem metade de seu território composto de terras altas e um terço de montanhas. De norte a sul estão distribuídas, em faixas contínuas, estepes, semidesertos e o deserto de Karakum.

O P.N.B. é de 43 bilhões de dólares, próximo ao P.I.B. polonês (porém com metade da população), correspondendo a um rendimento *per capita* de 2.600 dólares, o penúltimo da C.E.I., equivalente ao rendimento médio brasileiro atual. A dívida externa é elevada: 46 bilhões de dólares.

O Cazaquistão era o grande fornecedor, juntamente com a Sibéria, de matérias-primas para a Ex-URSS, destacando-se o carvão (terceiro produtor) e o cobre, com o maior Combinado da Ex-URSS deste produto. Era também a terceira república da Ex-URSS quanto à produção industrial.

A agricultura também é importante, com o desbravamento de 40 milhões de hectares de terras virgens no norte, nos anos 50, tornando o Cazaquistão o segundo produtor de cereais da C.E.I, ultrapassando a Ucrânia. Produz 1/3 do trigo da Ex-URSS. O sul do território conta com 1,3 milhões de hectares de terras irrigadas. É também a primeira república na produção de gado ovino e caprino da Ex-URSS.

Tendo em vista a riqueza e a variedade de recursos, apesar da existência de grandes áreas ocupadas por desertos e semidesertos, o maior problema do Cazaquistão é a heterogeneidade de sua população e a grande presença de população europeia.

O Turcomenistão

Com 488.100 km², o Turcomenistão é um pouco maior do que o Iraque e tem apenas 3,5 milhões de habitantes, o que resulta numa densidade de 7 habitantes por km². A população é formada em 68% por turcomanos, sendo os russos 13%. Os turcomanos falam uma língua do grupo turco e em sua maioria são muçulmanos sunitas. No passado também eram pastores nômades.

Sua capital, Achkhabad, fundada em 1881 como um forte russo, está a apenas 30 km da fronteira iraniana, ao sul. Tem 400.000 habitantes e é a menos populosa das capitais da C.E.I., tendo sido arrasada por um terremoto em 1948. O país tem fronteiras com o Mar Cáspio, o Irã e o Afeganistão, além dos vizinhos Uzbequistão e Cazaquistão, da C.E.I. A maior parte do território (80%) está situada no deserto de Karakum, sendo a mais quente das repúblicas da C.E.I. Como consequência, apenas 1% do território é cultivado, em oásis, produzindo sobretudo algodão, sendo o Turcomenistão o segundo produtor da C.E.I. Complementarmente, cultivava-se frutas e a vinha. Desde 1950 foi iniciada a construção do gigantesco canal de Karakum, com 1.400 km de extensão, visando à irrigação do país, devendo ligar o rio Amudária ao Mar Cáspio. Os grandes trabalhos de irrigação estão sendo criticados em consequência da diminuição do nível das águas do Mar de Aral, entre os vizinhos Uzbequistão e Cazaquistão, que recebe os aportes dos rios Amudária e Sirdária.

O P.N.B. é de 12,1 bilhões de dólares, um dos menores da C.E.I., próximo ao da Síria. O rendimento *per capita*, devido à pequena população, é o mais alto das repúblicas da Ásia Central: 3.370 dólares. É a terceira república em produção de petróleo da C.E.I., produzindo também gás natural. A criação de ovelhas para a extração da pele de astracã também é importante.

O Turcomenistão foi uma das repúblicas que teve grande desenvolvimento durante o regime soviético, tendo em vista que em 1917 apenas

0,7% da população era alfabetizada. Mas a crise na monocultura do algodão está causando pobreza e desemprego na área rural. Alguns indicadores estão alcançando o nível de países do Terceiro Mundo, como a taxa de mortalidade infantil, de 58 por mil.

Apesar da vizinhança com o Irã, o Turcomenistão tem mais afinidade com suas vizinhas da Ásia Central, assim como com a Turquia.

O Uzbequistão

O Uzbequistão tem 447.400 km², um pouco menor que o vizinho Turcomenistão, mas apresenta a maior população da Ásia Central, quase 20 milhões de habitantes, o que o coloca em terceiro lugar na C.E.I., após a Ucrânia, resultando numa densidade de 44 habitantes por km², a mais elevada da Ásia Central.

Os uzbeques são um povo de língua turca, muçulmanos sunitas, e já eram sedentários e tinham uma longa tradição urbana. Eles são 69% da população, enquanto os russos são 11% da mesma.

A capital, Tachkent, com 2 milhões de habitantes, é a maior cidade da Ásia Central, tendo sido fundada no século VII, na rota da seda entre Constantinopla e a China. Foi reconstruída após terremoto em 1966. Outras cidades como Samarkand, fundada em 530, são muito antigas e importantes centros culturais.

Os desertos formam 80% do território do Uzbequistão, que é majoritariamente composto por terras baixas. Possui, entretanto, 60% das terras irrigadas da Ásia Central.

É a mais desenvolvida das repúblicas da Ásia Central, sendo o terceiro produtor mundial de algodão, e conta com 2/3 da produção da Ex-URSS. O Uzbequistão também é o maior produtor de cânhamo (90%), bem como de seda natural, e produz 1/3 de pele de astracã da Ex-URSS. Possui ainda uma das maiores jazidas de gás natural da Ex-URSS. A indústria cresceu nove vezes entre 1940 e 1970, e a têxtil é a mais importante, com a produção baseada no algodão e na seda.

O P.I.B. é de 56 bilhões de dólares, o mais elevado da Ásia Central, o quarto da C.E.I., e é equivalente ao P.I.B. da Iugoslávia. A renda *per capita*, de 2.750 dólares, é um pouco superior à brasileira.

Só com o regime soviético foi implantado o ensino superior: a primeira Universidade da Ásia Central data de 1920, a do Turquestão, sediada em Tachkent.

Quase um terço do território, a oeste (164.900 km²), corresponde à República Autônoma de Kara-Kalpákia, com 1.075.000 habitantes. Os kara-kalpakians são 31% da população. É um antigo povo nômade de língua turca, com mistura mongol, aparentado aos cazaques. A capital é a cidade de Nukus.

A crise atual da monocultura do algodão, tendo em vista os baixos preços pagos, está levando desemprego e pobreza à população rural do Uzbequistão, que tem uma taxa de mortalidade infantil elevada: 46 por mil. A monocultura leva a uma interdependência com as outras repúblicas da C.E.I.

O Tadjiquistão

Com 143 mil km², o Tadjiquistão é a menor das repúblicas da Ásia Central, tem a população de 5 milhões de habitantes, mas com um elevado crescimento demográfico de 3,2% ao ano, semelhante aos dos países do Terceiro Mundo. Os tadjiques são antigos habitantes da Ásia Central, em sua maioria muçulmanos sunitas. Ao contrário dos demais povos da Ásia Central da Ex-URSS, sua língua é do grupo iraniano, próxima ao farsi, falado do outro lado da fronteira, no Afeganistão, onde os tadjiques são 25%, sendo também a língua oficial do Irã. Os tadjiques são 58% da população da república, sendo os uzbeques 23% e os russos 10%.

Duchambé, sua capital, com 600.000 habitantes em 1989, é uma cidade planejada, fundada em 1925, com a denominação de Stalinabad.

Situado nas montanhas de Pamir, considerado o “Telhado do Mundo”, o Tadjiquistão tem 93% do território montanhoso, tendo, portanto, poucas áreas cultiváveis, mas, ainda assim, é o terceiro produtor de algodão da Ex-URSS, com 11% da produção. Cria-se, sobretudo, carneiros para a produção de pele astracã. Possuía a segunda reserva de recursos hídricos da Ex-URSS, o que permitiu a construção da maior central hidrelétrica da Ásia Central, a de Nurek.

O P.N.B. de 12 bilhões de dólares, o menor da Ásia Central, resulta no rendimento *per capita* de 2.340 dólares, o mais baixo da C.E.I., inferior, inclusive, ao brasileiro. A indústria têxtil é a principal: algodão e seda são as matérias primas utilizadas. O Tadjiquistão possui a maior fábrica de tapetes da Ex-URSS.

A Região Autônoma de Górnio-Badakhchan, com 63,7 mil km², quase metade do território da república Tadjique, com apenas 140.000 habitantes, situada nas montanhas do Pamir, reúne várias minorias. Sua capital é Khorog. Badakhchan é uma província no vizinho Afeganistão.

Os progressos na educação foram elevados no período soviético, comparado com 1917, quando apenas 0,5% da população sabia ler e escrever.

Seu maior problema, além da heterogeneidade da população, é seu isolamento, tendendo a aumentar os vínculos com o Irã. Recentemente, optou por modificar seu alfabeto para o árabe.

O Quirguistão (ou Quirguízia)

A mais remota das repúblicas da C.E.I., com quase 200.000 km² e 4,3 milhões de habitantes. Os quirguizes, povo de língua turca, de maioria muçulmana sunita, eram pastores nômades. São 52% da população, os russos 21% e os uzbeques 13%. O influxo de russos e ucranianos deu-se sobretudo entre 1926 e 1959.

A capital é Bichkek, nome original que tinha sido substituído por Frunze, e agora retomado. Foi fundada em 1878 e teve sua população duplicada entre 1959 e 1970, contando com mais de 600.000 habitantes em 1989. Quase tão montanhoso quanto seu vizinho Tadjiquistão, tem quase metade do território no centro das montanhas do Tien-Shan, junto à fronteira chinesa.

A criação de ovelhas é importante, assim como a de cavalos de raça, mas cultiva-se também cereais, algodão, fumo e papoula, utilizando inclusive sistemas de irrigação. Produz metais não-ferrosos e possui indústrias de enriquecimento de mercúrio e de antimônio.

O P.N.B. de 13 bilhões de dólares resulta num rendimento *per capita* de 3.030 dólares e provém dos progressos realizados no período soviético, quando a produção industrial aumentou 211 vezes, considerando um país

onde o número de alfabetizados era apenas 0,6% da população em 1917. Seu maior problema, como o Tadjiquistão, é sua situação remota, no centro da Ásia, adicionando-se o estabelecimento de fronteiras artificiais, que resulta numa população heterogênea e em conflitos étnicos.

Notas

- ¹ Publicado originalmente no **Cadernos de Geociências** / Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia. – Vol. 1, n. 1 (1992). Salvador: GEO, UFBA, 1992.

Glossário

BRANCOS: grupos armados opositores aos soviéticos (vermelhos) durante a Guerra Civil de 1918/1921.

COMBINADO: combinação de duas ou mais unidades de produção, objetivando a integração do processo produtivo, na Ex-URSS.

CANATO: organização política de povos nômades da Ásia Central, em que o chefe tinha o título de Cã (Khan).

C.E.I.: Comunidade de Estados Independentes.

COSSACOS: povo semi-livre do antigo Império Russo que tinha privilégios em troca de serviços militares.

ORDA: organização que reunia tribos nômades da Ásia Central, sob o comando de um chefe ou líder.

P.I.B.: Produto Interno Bruto. Produção total final de bens e serviços produzidos por uma economia.

P.M.L.: Produto Material Líquido. Valor global da produção dos diferentes ramos, menos o valor do consumo intermediário.

P.N.B.: Produto Nacional Bruto. Valor adicionado interno e externo creditado aos residentes.

REGIÃO AUTÔNOMA: divisão administrativa da Ex-URSS com prerrogativas culturais e linguísticas.

REPÚBLICA AUTÔNOMA: divisão administrativa da Ex-URSS com direitos sobre questões nacionais, linguísticas e religiosas.

SERVIDÃO: regime que obrigava o camponês a transferir rendas aos senhores feudais, sob a forma de trabalho, produto ou dinheiro.

SUZERANO: Estado/Povo obrigado a pagar tributo ao Estado dominante e que recebe, em troca, a proteção do mesmo.

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Fontes

AVTOROV, K. et al. **Geografia da U.R.S.S.** Moscou: Progresso, 1985.

BRAUDEL, F. **Gramática das Civilizações.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ENCICLOPEDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Enc. Brit. Brasil., 1986.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Chicago: E.B.P., 1989.

L'ETAT DU MONDE 1991. Paris: La Découverte, 1990.

L'ETAT DU MONDE 1992. Paris: La Découverte, 1991.

FAVROD, C. H. (Ed.). **Os Soviéticos.** Lisboa: D. Quixote, 1978 (EDMA).

HERODOTE nº 58 - A L'Est et au Sud. Paris: La Découverte, 1990.

KINDER, H.; HILGEMANN, W. **Atlas Historique.** Paris: Stock, 1968.

NEKRASOV, N. **Organizacion Territorial de la Economia de la U.R.S.S.** Moscou: Progreso, 1975

SPIDTCHENKO, C. **Panorama da Geografia Económica Mundial.** 2. - Países socialistas. Lisboa: Estampa, 1974.

U.R.S.S. A Caminho da Sociedade Comunista. Lisboa: Estampa, 1975.

U.R.S.S. A Ciência, a Instrução, a Cultura. Lisboa: Estampa, 1976.

U.R.S.S. A Agricultura, a Indústria, o Bem-estar. Lisboa: Estampa, 1976.

Dados/Cartografia

ALMANAQUE ABRIL. São Paulo: Ed. Abril, 1992.

BOOK OF THE YEAR, Encyclopaedia Britannica. Chicago: E.B.P., 1991.

KIDRON, M.; SIGAL, R. **The State of the World Atlas**. London: Pan Books, 1981.

RELATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO MUNDIAL 1991. Rio de Janeiro: F.G.V. 1991.

Jornais/Revistas

Folha de São Paulo.

Revista Veja.

Recebido em 21/05/2022

Aceito em 03/06/2022

